



A CENTRALIDADE DO CORPO NO ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DOS BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM BEBÊS

The centrality of the body in the establishment of babies' relations in early childhood education: an internship experience with babies

Isabela Sarah Trigueiro Custódio de **BRITO**
Graduanda em Pedagogia
Universidade Federal de Campina Grande – PB,
Campina Grande, Brasil
i.belasarah@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7672-1478>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

O presente trabalho se trata de um relato de experiência de estágio supervisionado com bebês em uma creche pública no município de Campina Grande-PB. Através das vivências com os bebês nos períodos de observação e intervenção foram analisadas, a partir da temática da linguagem corporal, a rotina do grupo e as relações estabelecidas entre os sujeitos, destes com suas professoras e com os materiais que manuseavam. Foi realizada uma pesquisa-intervenção objetivando perceber o lugar da linguagem corporal na prática pedagógica das professoras, utilizando-se dos recursos do diário de campo, fotografias e filmagens. Os referenciais teóricos utilizados para fundamentar a pesquisa e as análises realizadas contaram com autores como Pereira (2009), Malaguzzi (1999), Ramos (2014), Falk (2004), Barbosa (2000) e Goldschmied (2006). Percebeu-se a centralidade do corpo nas relações dos bebês com suas professoras, em busca de acalento e conforto diante do período de inserimento na creche, bem como com os materiais oferecidos, que proporcionavam descobertas de movimentos, sensações e possibilidades de expressão através do corpo. As interações entre os bebês também fizeram uso da linguagem corporal na forma de relações de disputas, interações compartilhadas de exploração de materiais e comunicação corporal.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio supervisionado. Berçário. Linguagem corporal. Bebês.

ABSTRACT

The present work is an experience report of a supervised internship with babies in a public day care center in the city of Campina Grande-PB. Through the experiences with the babies in the observation and intervention periods, based on the theme of body language, the group's routine and the relationships established between the individuals, these with their teachers and with the materials they handled were analyzed. An intervention-research was carried out with the aim of perceiving the place of body language in the teachers' pedagogical practice, using the resources of the field diary, photographs and filming. The theoretical references used to support the research and the analyzes carried out had authors such as Pereira (2009), Malaguzzi (1999), Ramos (2014), Falk (2004), Barbosa (2000) and Goldschmied (2006). The centrality of the body was perceived in the relationships of babies with their teachers, in search of warmth and comfort in the face of the period of insertion in the day care center, as well as with the materials offered, which provided discoveries of movements, sensations and possibilities of expression through the body. Interactions between babies also made use of body language in the form of dispute relationships, shared material exploration interactions and body communication.

KEYWORDS: Supervised internship. Nursery. Body language. Babies.

INTRODUÇÃO

O presente relato trata de uma experiência de estágio supervisionado com bebês em uma creche pública no município de Campina Grande-PB. O curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande tem como componente curricular obrigatório a disciplina de Estágio II, realizada no âmbito da Educação Infantil. Essa proposta de estágio tem como objetivo possibilitar às professoras e professores em formação inicial conhecer um pouco sobre a realidade das creches públicas do município; observar o funcionamento de uma instituição e as práticas pedagógicas de suas professoras, bem como as relações entre estas e as crianças; e ser inseridos nesse contexto, vivenciando o cotidiano da Educação Infantil.

Nesse sentido, a proposta da disciplina é articular a teoria e a prática, partindo do estudo de trabalhos científicos, artigos, livros e documentos oficiais que tratam sobre Educação Infantil, indo ao encontro do trabalho que se realiza propriamente na creche, de modo a alcançar o que defendem Pimenta e Lima (2006), isto é, o estágio como uma atividade de conhecimento das práticas institucionais e das ações nelas realizadas, viabilizada através das teorias.

A experiência relatada ocorreu no ano de 2022 com uma turma de berçário II composta por 29 bebês e 3 professoras. Em virtude da modalidade híbrida¹ da Educação Infantil adotada pela creche devido às consequências da pandemia da Covid-19, a turma foi dividida em dois grupos de 15 bebês acompanhados por duas docentes em cada turno. O período de observação se estendeu ao longo de dois meses, com duas visitas semanais.

A pesquisa realizada teve caráter qualitativo, uma vez que seu objeto de estudo não era quantificável, mas sim passível de ser analisado em suas representações e significações sociais. Além disso, vale ressaltar que

[...] a investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números [...] Esses dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais” (BOGDAN e BIKLEN, 1991, p. 48).

¹ A organização do trabalho pedagógico na instituição de Educação Infantil onde ocorreu o estágio se deu em uma modalidade de hibridismo entre vivências presenciais e o envio de propostas online em grupos com os pais no WhatsApp. Para as turmas de berçário – integrais – foram divididos dois grupos de bebês, indo um pela manhã e o outro a tarde, recebendo propostas virtuais no contraturno. Para as turmas de maternal e pré-escola, que possuíam turmas diferentes nos turnos da manhã e tarde, eram divididos grupos em seus próprios turnos e cada um deles ia duas vezes por semana presencialmente à creche, enquanto recebia propostas online nos outros dois dias. Nas quartas-feiras não havia trabalho na instituição devido à higienização do ambiente.

Também foram utilizados aspectos metodológicos da pesquisa-intervenção, sendo esta entendida como um estudo no qual “o investigador interage com os sujeitos da pesquisa de forma propositiva na tentativa não só de compreender, mas também de transformar a realidade investigada” (SALUSTIANO, 2006, p.38). Nesse sentido, os estagiários e estagiárias da turma tiveram oportunidade de conduzir vivências com os bebês e crianças da creche, acompanhados de suas professoras, acerca das temáticas de suas pesquisas. No caso do estágio no berçário, este foi realizado apenas com o grupo da manhã e teve como fio condutor a temática da linguagem corporal.

A linguagem corporal se refere aos aspectos sensoriais e expressivos dos indivíduos relacionados aos seus corpos. Em se tratando da linguagem corporal na infância, esta pode ser definida como “o meio usado pelas crianças para expressar o que pensam, sentem e desejam transmitir, como ideias, pensamentos e emoções utilizando, *gestos, movimentos do corpo*” (PEREIRA, 2009, p. 62). Buss-Simão (2019) aponta quatro dimensões corporais que, interligadas e complementando uma a outra, possibilitam uma compreensão mais aprofundada do corpo, a saber: o corpo como conhecimento, que diz respeito aos conhecimentos possibilitados com e através do corpo; como expressividade-comunicativa, que se refere à comunicação estabelecida corporalmente; como experiência espaço-temporal, abrangendo as relações corporais entre pessoas, tempos, espaços e objetos; e como identidade e direito ético, que inclui a socialização, interação e afetividade.

Nesse sentido, é possível caracterizar a linguagem do corpo como uma das múltiplas linguagens das crianças (MALAGUZZI, 1999), tendo fundamental importância para o desenvolvimento integral do sujeito, uma vez que todas as experiências vivenciadas por estes, bem como as aprendizagens que realizam, se dão corporalmente, sendo o corpo o início da aprendizagem (GAIO, 2015). É por isso que a construção da consciência corporal, entendida como a capacidade do sujeito de reconhecer seu próprio corpo e perceber suas diferentes partes, possibilidades de movimentos e posturas (ALVES, 2008), se inicia desde a mais tenra infância, a partir das explorações dos bebês em seus próprios corpos.

Nas instituições de Educação Infantil, que atendem sujeitos de 0 a 5 anos e 11 meses, os bebês e crianças se encontram nessa fase de desenvolvimento da consciência corporal, conhecendo seus corpos, descobrindo suas potencialidades e impossibilidades e explorando o espaço com seus movimentos. Dessa forma, a linguagem do corpo é sempre presente nas salas dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Em se tratando de bebês, o corpo tem uma centralidade na comunicação desses sujeitos,

uma vez que o desenvolvimento motor se dá anteriormente a fala, fazendo com que os gestos e expressões corporais assumam um papel importante na comunicação com suas professoras, estabelecendo com estas um “diálogo corporal”, conforme coloca Pereira (2009).

A docência com bebês configura-se como uma prática singular na Educação Infantil, diferindo do trabalho com crianças maiores, uma vez que “trata-se de uma docência que envolve ações de cuidado e educação que se entrelaçam com o corpo e as emoções de maneira mais intensa” (BUSS-SIMÃO, 2019, p. 53). Desse modo, na pesquisa realizada o olhar investigador foi voltado para a prática pedagógica com bebês no sentido de prescrutar as especificidades da relação docente com esses sujeitos e seus corpos.

Diante disso, o estágio abordou a temática da linguagem corporal na prática pedagógica de professoras de bebês. Para a realização da pesquisa, foram propostos os seguintes questionamentos: Como as professoras promovem a exploração da linguagem corporal junto aos bebês? Qual a importância dada pelas docentes para o corpo e a linguagem corporal na Educação Infantil? E como os bebês se relacionam entre si, com as professoras e com os materiais nesse contexto coletivo?

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nas etapas de observação e intervenção foram o diário de campo, mantido em um caderno pessoal da pesquisadora, registro fotográfico e filmagens, ambos realizados com aparelhos celulares. Esses dados foram coletados nas vivências presenciais na instituição e posteriormente analisados à luz do referencial teórico escolhido a partir da temática em questão. Autores como Pereira (2009), Malaguzzi (1999), Ramos (2014), Falk (2004), Barbosa (2000) e Goldschmied (2006) fazem parte do arcabouço teórico que fundamentam este trabalho.

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM OS BEBÊS

Quando da chegada ao berçário, os sentimentos de ansiedade e empolgação estavam presentes em relação a conhecer os bebês. Rapidamente após ser apresentada juntamente com minha colega às professoras da turma, fomos conhecer os bebês que brincavam no tatame em sua sala de estimulação². Embora tenha ocorrido um breve

² Nomenclatura dada pela instituição em questão para as salas de referência do berçário. Essa escolha suscita reflexões acerca da concepção de criança, corpo e Educação Infantil da creche, uma vez que parece partir do pressuposto de que os bebês necessitam de um estímulo exterior para seu desenvolvimento, isto é, que as estimulações do ambiente proporcionadas pelas docentes possibilitariam a progressão desses

período de estranhamento, logo fomos inseridas em suas dinâmicas, nos envolvendo em suas brincadeiras e auxiliando-os quando necessário, como nos momentos de alimentação.

Em virtude da modalidade híbrida assumida pela Educação Infantil no município, a turma foi inicialmente dividida em dois grupos, sendo um pela manhã e outro pela tarde. Propostas de vivências remotas eram enviadas em um grupo de *WhatsApp* com os pais das crianças para serem realizadas em casa no contraturno e na quarta-feira, uma vez que nesse dia não havia atendimento presencial na instituição. Essa prática revela a permanência de elementos da modalidade de ensino remoto na instituição, o que pode ser problematizado em virtude da inadequação de tal modalidade para a Educação Infantil, uma vez que ela não dá conta da necessidade de interações nas relações entre os pares nem destes com suas professoras. Além disso, não há previsão legal para uma forma de educação à distância na primeira etapa da educação básica, fazendo com que esta não seja uma prática aplicável para creches e pré-escolas (ANPED, 2020).

A rotina da turma da manhã tinha início às 07:00, quando os bebês chegavam na instituição, e ia até às 11:00 em virtude do horário estabelecido no formato híbrido. Os bebês eram recepcionados pelas professoras na porta da sala e antes de irem para o tatame, onde brincavam com brinquedos na acolhida, eram trocados pelos seus pais ou responsáveis, que colocavam neles uma farda da creche e guardavam suas roupas em uma bolsa correspondente a cada um. O uso da farda, embora levante questões acerca da padronização e tentativa de controle exercidos pelas instituições escolares, nesse caso explica-se devido à carência da comunidade na qual a creche está inserida, em que alguns bebês iam com roupas sujas e rasgadas ou inadequadas para o clima, como blusas sem mangas em dias frios. Desse modo, a farda era fornecida pela creche como forma de garantir roupas adequadas e limpas para todos os bebês.

Após o momento inicial de acolhida, os bebês tomavam café-da-manhã aproximadamente às 07:45 no ambiente do refeitório da sala com mesas e cadeiras, e depois brincavam no pátio da instituição das 08:00 às 08:30. O almoço era servido próximo às 10:00, e após esse momento eles tomavam banho e se trocavam para esperar pelos seus pais, colocando novamente as roupas com que foram para a instituição. Enquanto esperavam, eles brincavam no tatame ou no corredor. As

sujeitos. Essa visão parece fundamentar-se em uma concepção behaviorista de educação e de sujeito, subestimando suas capacidades e as potencialidades das interações entre os pares, bem como priorizando o desenvolvimento de comportamentos aprendidos.

professoras planejavam uma atividade principal para o dia, que variava em sua proposta.

A rotina na Educação Infantil é de grande importância para o planejamento e realização das atividades, sendo necessário organizá-las no tempo e no espaço destinados ao grupo. O estabelecimento de uma sequência básica de atividades, conforme ressaltam Barbosa e Horn (2001), resulta da leitura das necessidades do grupo de sujeitos. É nesse sentido que a rotina da turma do berçário II envolvia momentos destinados aos cuidados de higienização, alimentação e sono, bem como situações de vivências educativas, interativas e exploratórias.

Pelo fato de as observações terem sido realizadas no início do ano letivo, muitos bebês ainda estavam sendo inseridos na creche e, portanto, choravam durante grande parte da manhã. O inserimento nas instituições de Educação Infantil consiste no processo de acolhida dos bebês e suas famílias, iniciando com o envolvimento dos pais na instituição, o que foi percebido durante o estágio quando algumas mães se sentavam no tatame e brincavam com seus filhos durante um curto período antes de irem embora e deixá-los com as professoras. Tal processo é de grande importância para o trabalho docente e se configura como uma "tentativa de criar uma continuidade emotiva entre família e creche através da elaboração de um projeto daquele delicado momento de transição" (MANTOVANI; TERZI, 1998, p. 173), visto que para muitos bebês esse é o primeiro contato com instituições de educação coletiva.

Na turma do berçário II, muitos sentiam falta de suas mães e ainda estavam se acostumando à rotina da instituição, recorrendo ao colo das professoras para consolo e acalento. Estas não negavam aos bebês carinho e afeto para que se sentissem seguros e se acalmassem. Em vários momentos ao longo do período de observação, os bebês recorreram também a mim e minha colega para esse consolo e aconchego. Essa recepção calorosa e rápida dos bebês foi algo que me chamou atenção e me fez observar com mais afinco como se davam as relações dos bebês entre si, com suas professoras e com os materiais que manuseavam. Essa análise será aprofundada no próximo item.

O LUGAR DO CORPO NAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS PELOS BEBÊS NO BERÇÁRIO

Uma especificidade apresentada pela turma durante o estágio foi a ausência de grande parcela das crianças durante o período de observação. Em alguns dias a turma

contou com apenas um, dois ou três bebês no período da manhã, pelo fato de muitos estarem doentes e impossibilitados de irem para a instituição.

Em razão do período de inserimento dos bebês na creche, somado à modalidade híbrida de atendimento que dividiu a turma em dois grupos, bem como à falta de muitos deles, citada anteriormente, é possível afirmar que as interações estabelecidas entre os bebês foram prejudicadas em alguns aspectos. Alguns deles não estabeleciam contato com os demais, relacionando-se majoritariamente com as professoras em busca de colo e consolo pela falta das mães. De maneira geral, esse comportamento dos bebês era acompanhado pelo choro contínuo.

Durante as vivências e momentos de brincadeiras no tatame, no pátio ou no corredor, os bebês também não costumavam brincar juntos, cada um explorando os materiais e espaços de forma individual. O modo mais expressivo de relação entre os pares se deu na forma de disputas por espaços, brinquedos ou atenção das professoras, resultando, por vezes, em interações físicas.

A relação das professoras com os bebês, possivelmente também em razão do período de acolhimento deles na creche, era de muito afeto, fornecendo consolo e aconchego para os muitos que choravam e buscavam acalento. Em alguns momentos, as professoras tinham dois bebês no colo e alguns apenas queriam ficar com uma delas, chorando intensamente quando ela se retirava da sala ou os colocava no chão. Embora as docentes não negassem o colo e o acalento, elas conversavam com eles e os estimulavam a não depender tanto de suas presenças, afirmando que estariam por perto e que eles podiam se acalmar.

Nessa relação entre professoras e bebês destaca-se a centralidade do corpo no estabelecimento das interações. Frequentemente eles buscavam no contato corporal com as professoras a atenção, consolo e acalento de que necessitavam. Concordando com Buss-Simão (2019, p. 2), é possível afirmar que "o contato corporal, o toque, os beijos, os abraços, os afagos e o colo das professoras os acalmava".

A natureza social da atividade emocional, conforme defende Wallon, ficou clara através da mobilização que o choro dos bebês exercia nas professoras, contagiando-as e levando-as a responder às manifestações afetivas dos bebês (DANTAS, 1992). Pelo fato deles ainda não possuírem a fala desenvolvida, a comunicação estabelecida entre eles e as docentes se dava grandemente através do choro e de outras manifestações corporais, como inclinar o corpo para o chão como forma de sinalizar que queria descer do colo, o que Pereira (2009) chama de "diálogo corporal".

Em relação aos materiais com os quais os bebês brincavam e interagiam, havia na sala de referência um corredor com vários cestos cheios de brinquedos variados. Uma das professoras do grupo era artesã e, desse modo, costumava confeccionar brinquedos a partir de materiais reciclados, como tampas, garrafas, latas e caixas de papelão. Boa parte das vivências realizadas com os bebês envolvia a exploração livre desses materiais não estruturados e reciclados. Essas propostas normalmente aconteciam ao som de músicas, e as vivências musicais ocorriam também com uso de chocalhos fabricados com tampas.

Ficou clara a preferência dos bebês pelos brinquedos reciclados e materiais não estruturados que eram colocados à sua disposição. O brincar heurístico era muito presente na prática das professoras e foi defendido por elas em conversas informais. Ele pode ser definido como uma atividade que

[...] envolve oferecer a um grupo de crianças, por um determinado tempo e em um ambiente controlado, uma grande quantidade de tipos diferentes de objetos e receptáculos, com os quais elas brincam livremente e sem a intervenção de adultos. (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006, p. 147).

Essa preferência pode ser explicada com base em Goldschmied, e Jackson (2006), uma vez que a abordagem com esses materiais permite aos sujeitos explorá-los de maneira livre e dar-lhes significados e usos múltiplos, enquanto os materiais educacionais fabricados em massa normalmente têm um propósito predeterminado. Desse modo, possivelmente os bebês optavam pelos materiais não estruturados pelo fato deles lhes permitirem maior autonomia e liberdade no manuseio e no brincar.

Essa autonomia também se fez bem presente na prática pedagógica das professoras. Apesar dos bebês serem bem pequenos e alguns ainda dependentes em certos aspectos, como locomoção e higiene, as docentes buscavam estimular o movimento autônomo deles, deixando-os livres no chão para explorar o espaço e iniciar seus movimentos por conta própria. Elas também os incentivavam a se alimentarem sozinhos, oferecendo ajuda quando necessário a partir das demandas apresentadas por eles.

O movimento autônomo propiciado e incentivado pelas professoras se destaca como uma atividade de extrema relevância para o desenvolvimento dos bebês, uma vez que promove a possibilidade de livre exploração de seu corpo e do espaço. Tardos e Szanto-Feder (2004) afirmam que: "Para a criança, a liberdade de movimentos significa a possibilidade, nas condições materiais adequadas, de descobrir, de

experimental, de aperfeiçoar e de viver, a cada fase de seu desenvolvimento, suas posturas e movimentos” (TARDOS, SZANTO-FEDER, 2004, p.48).

Nesse sentido, o movimento iniciado e realizado plenamente de forma autônoma pelos bebês os leva a construir consciência a respeito de seus próprios corpos, conhecendo seus limites e possibilidades e adquirindo maior desenvoltura motora. Isso pôde ser percebido não apenas nos momentos de brincadeiras e explorações livres, mas também nos momentos de musicalização e dança, bem como nas brincadeiras nos espaços exteriores à sala.

O próximo item discorrerá sobre as interações dos bebês observadas a partir das propostas de intervenção conduzidas na turma durante o estágio.

COMPREENDENDO AS INTERAÇÕES DOS BEBÊS: INTERVENÇÕES REALIZADAS NO BERÇÁRIO

Como parte integrante do estágio, além do período de observações foram realizadas duas propostas de intervenção junto à turma do berçário. Essas propostas buscaram trabalhar com os campos de experiência da BNCC³ devido à exigência de tal prática por parte da Secretaria de Educação Municipal. Contudo, buscou-se possibilitar a exploração e transformação do ambiente pelos bebês através dos materiais disponibilizados para além das limitações desse arranjo curricular. Nesse sentido, as experiências foram planejadas com o intuito de serem significativas para os sujeitos, também considerando o aspecto lúdico e de continuidade, pensando nas condições de tempo, espaço, materiais e humanas, optando pelo trabalho em pequenos grupos (FOCHI, 2015). Além disso, o corpo e a linguagem corporal ocuparam lugar de destaque nas vivências.

A primeira proposta de intervenção buscou explorar tecidos variados e caixas de papelão com os bebês. O intuito da realização de tal vivência foi proporcionar diferentes experiências corporais, sensoriais e percepções visuais dos bebês a partir do contato com esses materiais. Os objetivos almejados foram: envolver os bebês em uma experiência livre de exploração sensorial com tecidos e caixas; possibilitar o contato com diferentes cores em tecidos variados; instigar o desenvolvimento do movimento

³ Esse arranjo curricular colocado pelo documento normatizador pode ser criticado na medida em que promove uma articulação com as disciplinas e áreas do conhecimento, proporcionando um processo de escolarização da Educação Infantil. É possível perceber ainda uma articulação entre a BNCC e um movimento homogeneizador da educação, que intensifica a padronização e uniformidade, atropelando as especificidades dos sujeitos da primeira etapa da educação básica (ANPED, 2017).

autônomo dos bebês, bem como da exploração dos materiais e espaço da atividade; e propiciar a construção da consciência corporal dos sujeitos a partir de experiências significativas e livres do corpo no espaço.

O espaço foi organizado em cantos como forma de possibilitar um melhor aproveitamento pelos bebês e lhes oferecer diferentes possibilidades. O primeiro canto possuía dois bambolês suspensos com fitas amarradas, e o segundo era composto por com caixas de papelão e tecidos diversos. O intuito desses cantos era dar opções diferentes para os bebês explorarem e possibilitar experiências com diferentes cores e texturas de tecidos, bem como instigar movimentos corporais diferentes na interação com as fitas suspensas e as caixas.

Imagem 1: Cantos dos bambolês com fitas e caixas com tecidos



Fonte: Arquivo pessoal da autora do ano 2022

A proposta teve início quando os bebês concluíram o momento de alimentação e foram para a área do tatame que já estava organizada, sendo recepcionados com algumas canções. Eles foram incentivados pelas professoras a explorarem os materiais que estavam dispostos e elas também participaram da proposta, brincando com eles e envolvendo-os nos movimentos.

Inicialmente, os bebês exploraram os bambolês, se escondendo embaixo deles e passando suas mãozinhas nas fitas penduradas. Logo após, foram explorar os tecidos e as caixas, e se detiveram por um tempo nessa atividade. Eles realizaram movimentos de puxar os tecidos, jogá-los para cima, colocá-los na cabeça e dentro e fora das caixas. Além disso, foi dada uma atenção especial às caixas de papelão, pois em alguns momentos eles entraram nelas e as exploraram com outros movimentos corporais, como arrastar e empurrar.

A linguagem do corpo foi central na nessa proposta na medida em que os bebês se utilizaram de seus corpos para explorar os materiais, sentindo as sensações dos diferentes tecidos na pele, olhando por entre as diversas cores e se expressando a todo momento através de seus movimentos, gestos e olhares.

Durante essa vivência foi possível perceber que as relações entre os bebês, quando contrastadas com aquelas registradas inicialmente no período de observação, pareceram ser de outra natureza. As disputas deram lugar, de maneira geral, a interações compartilhadas de exploração dos objetos, não havendo conflitos registrados entre os bebês. Isso parece revelar que os tipos de propostas de vivências, bem como a maneira como são apresentadas e conduzidas, influenciam diretamente na natureza de interações estabelecidas a partir do corpo.

A proposta durou cerca de 30 minutos, e se encerrou quando os bebês demonstraram não mais ter interesse em sua continuidade, dando indícios de que estavam cansados e com sono, ou que queriam ir para outro ambiente. Nessa vivência, foi possível perceber os diferentes caminhos traçados por eles a partir dos materiais oferecidos, visto que elas os exploraram de maneiras diversas, um preferindo brincar mais com as caixas, retirando os tecidos e colocando-os novamente, outro demonstrando mais interesse pelos movimentos dos tecidos no ar. Diferentes movimentos foram realizados, tanto pelos corpos das crianças, como sobre os tecidos, possibilitando novas experiências corporais, tanto motoras quanto expressivas e comunicativas.

A segunda proposta de intervenção tinha o objetivo geral de oportunizar o contato dos bebês com diferentes movimentos corporais e percepções sensoriais e visuais, possibilitando experiências significativas a partir de uma vivência com uma piscina de bolinhas. Desse modo, foi pensado como atividade principal a exploração de uma piscina inflável com de bolinhas de plástico coloridas. Os objetivos específicos da proposta eram: propor movimentos desafiadores e instigantes aos bebês para ampliação do repertório motor a partir de vivências em uma piscina de bolinhas; proporcionar experiências sensoriais dos bebês com bolinhas, tecidos e fitas de cores variadas e vibrantes; e possibilitar a livre expressão corporal dos sujeitos no espaço da instituição.

Nessa vivência, a organização por cantos também foi adotada, sendo o canto principal a piscina de bolinhas armada no centro do ambiente. Outro canto foi organizado a partir de uma caixa grande de madeira ornamentada com fitas coloridas e com tecidos colocados dentro dela, para que os bebês pudessem entrar dentro e

explorá-los. No terceiro canto, a proposta anterior dos tecidos e caixas foi repetida, como forma de proporcionar o aspecto da continuidade das experiências dos bebês, defendido por Fochi (2015). Além disso, o espaço foi ornamentado com almofadas e bonecos de pelúcia, para tornar o ambiente atrativo e convidativo aos bebês.

Imagem 1: Cantos da piscina de bolinhas e caixa com fitas e tecidos



Fonte: Arquivo pessoal da autora no ano 2022

A opção pela organização do espaço em cantos foi fundamental para o bom funcionamento da proposta. Com os bebês, o tempo de espera não pode ser grande, sendo necessário oferecer atividades diferentes para que eles possam escolher, dividindo-se em pequenos grupos. Do contrário, podem tornar-se mais propícias as interações de disputas pelos materiais e espaços.

Durante a realização da proposta foi possível perceber diferentes movimentos realizados pelos bebês, bem como os desafios motores que a piscina proporcionou aos seus corpos. Um deles se deitou na piscina e passou a sentir as sensações das bolinhas em seu corpo. Outro menor enfrentou algumas vezes o desafio de entrar e sair da

piscina sozinho, apoiando-se nela e no chão utilizando sua força. Uma outra bebê sentou-se na borda da piscina e, ao som da música que estava sendo tocada numa caixinha de som, dançou se balançando.

Esses fatos demonstram o uso da linguagem corporal não apenas para experienciar diversas sensações e possibilidades de movimento, mas também para expressarem-se, dançando, criando sons ao bater duas bolinhas uma na outra, interagindo com seus pares e com as professoras, e também explorando o espaço. Partindo do pressuposto de que as vivências e aprendizagens se dão sempre a partir do corpo (GAIO, 2015), vê-se que os bebês ao participarem da proposta puderam se engajar em experiências de descobertas acerca de si, do outro e do mundo, tendo como elemento central suas corporeidades. Para tanto, foi importante a não intervenção em suas atividades de exploração, mas sim um exercício de observação atenta como forma de propiciar o movimento autônomo e a liberdade dos bebês nas explorações ativas que faziam (FALK, 2004).

Aos poucos e com o passar do tempo, os bebês foram se interessando pelos outros cantos e alguns passaram a explorar a caixa com fitas. Eles entraram dentro, passaram as mãos pelas fitas e brincaram de arremessar as bolinhas dentro da caixa. Os tecidos também foram explorados, sendo alguns levados para a piscina e para o centro da sala. A caixa de papelão também foi utilizada para ser colocada na cabeça e para carregar bolinhas.

Na medida em que jogavam as bolinhas para fora da piscina, estas iam rolando pela sala e um dos bebês, que não costumava brincar ou interagir com os outros, ia arremessando as bolas, ora para o outro lado da sala, ora para dentro da piscina. Os demais bebês também exploraram o espaço do ambiente da vivência chutando as bolas e brincando com os tecidos.

Nesses momentos, as professoras e estagiárias interagiam com os bebês, incentivando-os a explorarem os materiais, jogando as bolas com eles e brincando com os tecidos. Uma particularidade que se sobressaltou nessa intervenção é que eles estabeleceram mais interações uns com os outros se olhando, colocando caixas nas cabeças dos colegas e dividindo os tecidos e bolinhas ao brincarem juntos. Esse fato é explicado por Guimarães (2009) ao afirmar que o espaço também é relacional, isto é, as relações e interações estabelecidas pelos sujeitos são influenciadas pelas organizações espaciais. A partir dos materiais explorados e da forma como foi organizado o ambiente da intervenção, foram propiciadas as interações bebês-bebês, bem como destes com suas professoras e estagiárias.

Isso reforça o entendimento de que propostas intencionalmente planejadas que busquem envolver a corporeidade dos bebês, bem como proporcionar a livre exploração de seus corpos e do espaço, possibilitam o estabelecimento de relações não apenas entre eles e seus corpos, mas também com outros sujeitos, explorando também o corpo do outro e as possibilidades de movimentos e ações que podem ser realizadas no grupo de pares. O brincar junto a partir do movimento autônomo, iniciado e executado pelos próprios bebês de forma independente, os engaja em experiências significativas e compartilhadas com outros, possuindo uma natureza diferente de apenas brincarem separadamente em um mesmo ambiente.

A atividade se encerrou quando se aproximava o horário do almoço dos bebês. Eles começaram a demonstrar menor interesse nos materiais e, em virtude da rotina do grupo, o espaço da proposta precisava ser reorganizado para o momento de alimentação. Assim, a piscina de bolinhas foi realocada para o tatame juntamente com os tecidos, e a caixa de madeira foi guardada em seu lugar. No tatame, um dos bebês virou a piscina, derrubando todas as bolinhas no chão. Esse foi um momento em que todos se envolveram na atividade de juntar as bolinhas na piscina novamente antes de irem almoçar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio foi sobremaneira enriquecedora para minha formação enquanto pedagoga. O contato direto, no chão da instituição, com os bebês, professoras e gestão foram de grande valia para auxiliar a compreensão dos processos que se dão na Educação Infantil. Acompanhar a rotina da creche foi importante também para enxergar as possibilidades de trabalho com bebês, bem como os desafios que as instituições públicas que os atendem enfrentam.

As conversas com as professoras foram grandes fontes de conhecimento e compartilhamento de experiências, bem como a observação do funcionamento da manutenção, gestão, alimentação e práticas pedagógicas das docentes. No entanto, a convivência direta com os bebês, sobretudo, possibilitou dar sentido às discussões e estudos realizados na área da Educação Infantil, assim como problematizar suas temáticas.

Nas vivências no estágio o corpo emergiu como elemento central na relação dos bebês entre si, com suas professoras e com os materiais explorados. Através do uso da linguagem corporal esses sujeitos dialogavam com os outros, expressando suas

angústias, tristezas, necessidades, afetos e alegrias em uma comunicação corporal. Além disso, a corporeidade ficou evidente na medida em que os bebês se envolviam ativamente em explorações e descobertas a partir de seus corpos, explorando sons, movimentos, sensações e percepções diversos corporalmente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fátima. **Psicomotricidade**: corpo, ação e emoção. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008. 164 p

ANPED. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. **Educação a distância na educação infantil, não!** Disponível em: <<http://www.anped.org.br/news/manifesto-anped-educacao-distancia-na-educacaoinfantilnao>> Acesso em: 27 de jun. de 2022.

ANPED. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: <<https://www.anped.org.br/news/documento-expoe-aco-es-e-posicionamentos-da-anped-sobre-bncc>> Acesso em 27 de jun. de 2022.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Fragmentos sobre a rotinização da infância. v. 25. n. 1. Rio Grande do Sul: **Educação & Realidade**, jan/jun. 2000.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128 p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009.

BUJES, Maria Isabel Edelweis. Escola infantil: pra que te quero. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Orgs.). **Educação infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Docência com bebês: o corpo da professora que acalma, acalenta e serena. **Educação Pública e pesquisa**: ataques, lutas e resistências, Niterói, p. 1-8, outubro 2009. 39ª Reunião Nacional da ANPEd.

BUSS-SIMÃO, Márcia. Experiências sensoriais, expressivas, corporais e de movimento na Educação Infantil. In: MORO, Catarina; VIEIRA, Daniele Marques (Org). **Leituras em Educação Infantil**: contribuições para a formação docente. Curitiba: NEPIE/UFPR. P. 53- 88. 2019.

FOCHI, Paulo Sergio. Ludicidade, continuidade e significatividade nos campos de experiência. In: FINCO, Daniela; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia

Goulart de (org.). **Campos de experiências na escola da infância**: contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 221-232.

GAIO, Rosilene Maria da Silva. **Um olhar sobre Educação Infantil**: E a arte onde está? E o corpo como está?. 2015. 144 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São João Del-Rei, 2015.

GARCEZ, Andrea.; DUARTE, Rosalia.; EINSEBERG, Zena. Produção e análise de vídeo-gravações em pesquisas qualitativas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n.2, p. 249-262, mai./ago. 2011.

GOLDSCHIMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006. 304 p.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, ed. 2, p. 547-567, maio/ago 2011.

GUIMARÃES, Daniela. EDUCAÇÃO Infantil: espaços e experiências. In: CORSINO, Patrícia (org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2009. cap. 6, p. 89-99.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: A organização dos espaços na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999. p.59-104.

MANTOVANI, Susanna; TERZI, Nice. A Inserção. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Suzanna (orgs.). **Manual de Educação Infantil**: de 0 a 3 anos - uma abordagem reflexiva. Porto Alegre, ArtMed, Cap. 10. pp.173-184, 1998.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, ed. 91, p. 391-403, maio/ago 2005.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2008. cap. 1, p. 13-32.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. Linguagem Corporal. In: BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. SMED. **Proposições Curriculares da Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: SMED, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência: diferentes concepções. **Revistas Poiésis**, [s. l.], v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006

RAMOS, Tacyana Karla Gomes; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 157 p.

SALUSTIANO, Dorivaldo Alves. **Nas entrelinhas da notícia: jornal escolar como mediador do ensino-aprendizagem da língua materna**. 2006. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

TARDOS, Anna; SZANTO-FEDER, Agnès. O que é autonomia na primeira infância?. *In*: FALK, Judit (org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2004. p. 39-52.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A CENTRALIDADE DO CORPO NO ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES DOS BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM BEBÊS

The centrality of the body in the establishment of babies' relations in early childhood education: an internship experience with babies

Isabela Sarah Trigueiro Custódio de Brito
Graduanda em Pedagogia
Universidade Federal de Campina Grande – PB,
Campina Grande, Brasil
i.belasarah@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7672-1478>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Santa Catarina, 1048. Apto 201 A. Liberdade. 58414035. Campina Grande - PB, Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: I. S. T. C. Brito

Coleta de dados: I. S. T. C. Brito

Análise de dados: I. S. T. C. Brito

Discussão dos resultados: I. S. T. C. Brito

Revisão e aprovação: I. S. T. C. Brito

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o

devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 27-04-2022 – Aprovado em: 16-08-2022